

LEAL, João. *Cultura e identidade açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2007. 200 p.

Miriam de Oliveira Santos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
E-mail: mirsantos@uol.com.br

Os movimentos e as políticas de identidade constituem-se uma presença quase obrigatória na contemporaneidade e, junto com o seu sucesso, surgem também os problemas e as tensões. Neste livro o antropólogo português João Leal busca analisar o movimento de reivindicação de uma identidade açoriana em Santa Catarina e a rápida ampliação desse movimento nos últimos dez anos.

Segundo o autor, a pesquisa que deu origem ao livro começou em 1995, no IV Congresso das Comunidades Açorianas, realizado em Horta, a capital da Ilha do Faial, uma das nove ilhas que integram o Arquipélago dos Açores. Nesse congresso ele teve a sua atenção despertada por uma grande delegação do Brasil oriunda principalmente dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul e que estudava não a imigração recente dos Açores, mas a imigração da colonização que havia partido dos Açores para o Brasil há 250 anos.

Nas suas palavras: “[...] os contatos mantidos com ativistas brasileiros estiveram, sobretudo, na origem de uma virada importante no projeto de investigação que me havia conduzido ao IV Congresso de Comunidades Açorianas. Para além da pesquisa com as comunidades açorianas dos EUA, decidi também incluir nela o estudo deste processo de redescoberta da açorianidade no sul do Brasil” (p. 24).

O projeto passa a ser então o de comparar “um contexto ‘clássico’ de imigração: açorianos de 1ª e 2ª geração nos EUA” e “um con-

texto ‘heterodoxo’ de imigração: brasileiros com uma longínqua ascendência açoriana situada ao nível da 9ª geração” (p. 24).

No entanto, o livro não nos fala dessa comparação, restringe-se ao movimento açorianista em Santa Catarina e centra-se na construção de uma identidade açoriana a partir de uma concepção da ação cultural imbricada com a ação política. Através de uma detalhada etnografia, complementada com pesquisas nos arquivos do Núcleo de Estudos Açorianos da Universidade Federal de Santa Catarina (NEA/UFSC) e com muitas entrevistas, João Leal vai reconstituindo a gênese do movimento açorianista em Santa Catarina e sua relação com a academia, mas também com movimentos e políticas de identidade.

Extremamente delicado, João Leal nunca se põe a ditar normas, jamais critica imperialmente. Não diz em momento algum “eu sou português e sei que isso não é açoriano, ou que nos Açores não é assim”. Pelo contrário, ele busca entender como se constrói o movimento açorianista e de que forma alguns elementos claramente não açorianos, como a polenta, são incorporados à cultura açoriana de Santa Catarina.

Na apresentação o autor detalha o plano do livro e os aspectos metodológicos. No capítulo introdutório ele procura sinalizar de onde fala, como se deu a sua aproximação com o tema, a entrada em campo, a metodologia e as bases teóricas nas quais se apoia para essa análise do movimento açorianista em Santa Catarina.

No primeiro capítulo relata a história e a etnografia do movimento açorianista em Santa Catarina, utilizando diversas fontes (livros, jornais, arquivos das organizações). Leal remonta à década de 40 do século XX para tratar do surgimento do movimento. O autor divide o desenvolvimento do movimento açorianista catarinense em três grandes períodos: os anos fundacionais, que vão do 1º Congresso de História Catarinense, ocorrido em 1948, até o final dos anos 1950; a primeira retomada açorianista, que ocorre nas décadas de 70-80 do século XX; e a segunda retomada açorianista, que se estende de 1993 aos dias de hoje.

Ao longo do capítulo o autor demonstra como a liderança do movimento açorianista é transferida da academia para os ativistas e,

se originalmente estava voltada para o estudo das raízes açorianas, transforma-se em um “resgate” dessas mesmas raízes até desembocar naquilo que, inspirado pelo conceito de “nacionalismo banal” de Billig, Leal chama de etnicidade banal.

O segundo capítulo, intitulado “Nós somos açorianos”, discute conceitos de etnogenealogia e autoctonia, chamando a atenção para o alargamento do conceito de “cultura açoriana” e para o modo como essa expressão se transforma até passar a ser utilizada quase como sinônimo de “cultura popular”. Impressiona o modo como a articulação do movimento transforma o que era um estigma (ser açoriano, manezinho da Ilha) em um sinal de prestígio. O antropólogo português examina o modo como são utilizados nesse contexto de “resgate” e “redescoberta” termos como “cultura açoriana”, “cultura de base açoriana”, “herança açoriana”, “manifestação cultural de base açoriana”. Neste capítulo o autor discute também os diferentes significados que são atribuídos ao conceito de cultura por ativistas e antropólogos.

“Ativistas do açorianismo” é o título do terceiro capítulo, que ressalta tanto a heterogeneidade do movimento quanto a espetacularização e a apropriação do movimento por parte da mídia. Neste capítulo acompanhamos a produção do discurso sobre a açorianidade e Leal chama a atenção para o fato de que o processo de construção de identidade é contínuo, dinâmico e multifacetado. Muito mais próximo da objetificação da cultura de Handler do que da invenção de tradições de Hobsbawm, Leal nos lembra que as identidades são construídas para diferenciação e refletem a maneira como o grupo se pensa.

O quarto e último capítulo começa com uma nota sobre a intolerância e um relato sobre a instrumentalização política das identidades e termina com alguns comentários sobre a Farra do Boi. Neste capítulo são analisados os momentos de tensões sociais e conflitos, que são colocados em pauta pelas reivindicações identitárias e também pela manipulação política dessas identidades.

De modo geral, João Leal nos convida à reflexão sobre a “fragilidade das fronteiras entre identidade, xenofobia e violência” (p. 186).

É extremamente oportuno numa época em que tanto se discutem o local e o global e em que observamos que, simultaneamente ao fenômeno da globalização, existe cada vez mais uma fragmentação identitária que dá origem a uma série de nichos e guetos. Enfim, o autor demonstra com competência que é possível estudar um grupo específico sem perder de vista os processos globais nos quais esse grupo está inserido.

Recebido em: 09/07/2008

Aceite em: 09/08/2008